

## Esquerda de ruptura e esquerda de coalizão



Por **LUÍS FELIPE MIGUEL\***

*Comentário sobre o artigo de Mathias Alencastro*

O artigo de Mathias Alencastro publicado na edição impressa do jornal [Folha de S. Paulo](#), saudando a chapa Lula-Alckmin, é – para usar a expressão de E. P. Thompson – “um planetário de erros”.

Ele parte da dicotomia entre uma “esquerda de ruptura” e uma “esquerda de coalizão”. A primeira seria inspirada nas teorias de Ernesto Laclau e teria o Podemos como maior ícone. A segunda teria surgido em oposição a ela.

Parece que a história da esquerda começa por volta de 2010. A possibilidade de uma esquerda classista é simplesmente apagada. A longa trajetória da social-democracia desaparece e vira uma reação ao “radicalismo” de Pablo Iglesias ou Jean-Luc Mélenchon.

O *Die Linke* alemão é apresentado como “predecessor do *Podemos*”, o que é completamente desprovido de sentido. O artigo chega afirmar que o *Die Linke* “nem conseguiu entrar no parlamento”, o que é factualmente errado – ele não alcançou a cláusula de barreira, mas garantiu ainda assim 39 cadeiras, graças às peculiaridades do sistema eleitoral alemão.

O artigo trata a democracia como abstração, logo é incapaz de se interrogar sobre as dinâmicas da desdemocratização; reduz “esquerda” a um rótulo desprovido de conteúdo; aplaina as diferenças entre o Norte e o Sul globais. Inclui alegremente Alckmin entre “os democratas”, apagando o golpe de 2016 e a Lava Jato de nossa história.

Ele é significativo sobretudo pelo uso típico do adjetivo “republicano” – o ensopado com chuchu seria nada menos que “uma revolução republicana”.

“Republicano” é, em muitos discursos, o eufemismo para acomodação e capitulação. É “republicana” a esquerda que abre mão de seu programa – e a direita que aceita a existência da esquerda, desde que assim, diluída e inofensiva.

Na verdade, os valores republicanos se afirmam quando é possível que todos os interesses sociais participem da disputa política, nas condições mais igualitárias possíveis, sem a imposição de vetos.

Para chegarmos lá, precisamos de uma esquerda disposta a enfrentamentos.

PS.: E o texto ainda sai no dia em que comemoramos a vitória, no Chile, de uma esquerda que ilustra tudo o que o articulista diz que está condenado ao fracasso. Péssimo *timing*!

**\*Luis Felipe Miguel** é professor do Instituto de Ciência Política da UnB. Autor, entre outros livros, de *O colapso da democracia no Brasil* (*Expressão Popular*).